

## GT55: Monumentos e espaço público: abordagens antropológicas

Edilson Pereira, Thaís Waldman

A vida dos monumentos é marcada por um dilema: eles seguem sendo construídos e integrados à paisagem urbana ao mesmo tempo em que se observa uma crescente desconfiança em relação a sua presença no espaço público. Tradicionalmente elaborados com a finalidade de demarcar espaços ou celebrar a memória de eventos e personagens históricos, nos últimos anos eles têm sido alvo de uma renovada atenção, sendo questionados, derrubados e reinterpretados criticamente. Muitas das ações contra monumentais recentes se vinculam a movimentos de caráter antirracista e decolonial, como no caso paradigmático do movimento Black Lives Matter (EUA e Inglaterra) e dos ataques a imagens de Bandeirantes (Brasil). Apesar da grande visibilidade alcançada pelas controvérsias públicas que esses e outros casos geraram, ainda são poucos os espaços de discussão antropológica sobre monumentos. O presente GT visa contribuir nesse sentido, agregando pesquisadoras/es interessadas/os em debater a própria noção de monumento, seus usos e desdobramentos políticos, materiais e estéticos. São bem-vindos estudos que pensem etnograficamente essas questões a partir de marcos, arquiteturas e imagens figurativas ou não-figurativas, logradouros, memoriais, espaços de memória, iniciativas contra estatais e subalternas, intervenções de arte urbana, etc. colocando em foco o papel dos monumentos nas reconfigurações do espaço público.

### **Cidade e agência: o imaginário urbano em disputa por meio de museus e monumentos**

#### **Autoria:**

Inspirado pela proposta de Alfred Gell em que retoma o foco no objeto para a antropologia e pela ideia de que a cidade não é apenas cenário de práticas sociais mas também agente, busca-se um olhar para disputas em torno de alguns monumentos e museus da cidade de São Paulo a fim de compreender como por meio da materialidade o imaginário urbano é reconfigurado. O objetivo não é somente afirmar que monumentos e museus (vistos também na dimensão de monumentos) agem sobre os cidadãos, mas investigar de que maneira isso acontece e quais as implicações para processos de mudança social. Esta apresentação pretende salientar a influência de ações de caráter decolonial ou ligados a grupos subalternizados na produção de imagens sobre a cidade e, assim, no imaginário urbano. Para isso, baseia-se em uma investigação de abordagem etnográfica multissituada em dois museus paulistanos (Museu do Ipiranga e Masp), no âmbito de uma pesquisa de doutorado, e em análise de intervenções em dois monumentos representativos da cidade (o Monumento às Bandeiras e a estátua em homenagem a Borba Gato). O pressuposto é de que intervenções em museus e monumentos, permitidas (como exposições ou projeções) ou não (como pixação ou incêndios provocados), são momentos de interferência no imaginário social - visto como um protótipo gelliano - em que se busca sua manipulação e transformação. No caso de São Paulo, modelos idealizados oriundos do modernismo e do bandeirantismo são contestados e reelaborados no espaço público, promovendo novos enquadramentos e permitindo o surgimento de novas referências culturais, estéticas, políticas, entre outras. Dessa forma, símbolos pretensamente unificadores (como os bandeirantes) são questionados em prol de referências mais plurais. A produção de imagens resultante desse enfrentamento com monumentos ou mesmo acolhida - e matizada - de forma institucionalizada por museus algumas vezes ganha desdobramentos e alcance imprevisíveis mediante a circulação pelas redes sociais. Portanto, o caráter performático de tais enfrentamentos também é analisado na perspectiva da disputa pelo imaginário urbano.

[Trabalho completo](#)

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

